

1468

Os anjos rajados da Amazônia

*PESSOAL DE SAÚDE DO EXÉRCITO REALIZA
MISSÃO HUMANITÁRIA ENTRE A POPULAÇÃO INDÍGENA.*



No dia 2 de julho de 1991, às seis horas da manhã, uma equipe do 3º Batalhão Especial de Fronteira, composta de um tenente dentista, um aspirante-a-oficial médico, um cabo bacteriologista e dois soldados padioleiros, com apoio de um motorista, viatura e medicamentos da Funai, partiram de Macapá rumo à Região Noroeste do Estado do Pará, para prestar apoio de saúde à tribo Waiâpis. Começava aí mais uma missão de abnegação dos anjos rajados da Amazônia.

O atendimento concentrou-se nas aldeias Aramirã, Ytuassu e Taytetua. Em Ytuassu, a de pior aspecto médico, onde praticamente todas as crianças apresentavam quadro broncopneumônico aliado à subnutrição, foram atendidos 52 índios atingidos pela gripe, broncopneumonia, pneumonia, abortamento e malária. Muitos dos paciente, cuja hemoscopia mostrava-se negativa, tinham quadros de febre alta intermitente, compatível com parasitemia de malária. Três, em situação crítica de saúde, tiveram que ser removidos para Serra do Navio.

Em Taytetua e Aramirã observaram-se novamente os mesmos casos de gripe, pneumonia, broncopneumonia e malária, sendo atendidos 28 índios nestas aldeias.

No campo odontológico, o atendimento concentrou-se na aldeia de Ytuassu. A Funai conseguiu escovas e

pasta dental, que foram distribuídas à população indígena. Incentivaram, ainda, o hábito da higiene oral, de vez que os indígenas já entraram em contato com a nossa alimentação, em especial aquela que contém açúcar. Foram realizados cinquenta atendimentos, curativos em sua maioria.

O relato puro dos resultados obtidos olvida o desconforto dos deslocamentos pelas estradas em péssimo estado, que levaram à pane da viatura da Funai, rebocada posteriormente para Macapá, e fatos como o afundamento de embarcação conduzindo mães e crianças para o atendimento (felizmente sem nenhum caso fatal) e a impossibilidade de retorno do chefe da missão a Macapá para atender à esposa enferma.

Ao final dessa verdadeira aventura, o tenente dentista, em seu relatório final, destaca o companheirismo, a disciplina e a capacidade de trabalho de todos os componentes. "O aspirante médico, sempre zeloso, atencioso e humano, não poupou esforços em bem atender a qualquer hora. O cabo bacteriologista tornou-se indispensável nos diagnósticos de malária, com admirável profissionalismo. Os soldados padioleiros, além de se terem tornado alvo de reconhecimento e carinho por parte dos índios, por sua dedicação ao trabalho, ajudaram ainda na medicação e atendimento".